

## José António de Sousa Basto



José António de Sousa Basto, é primeiro visconde da Trindade, primeiro conde do mesmo título, guarda-roupa honorário da Real Câmara, Grã-Cruz de Isabel, a Católica, Grande oficial da Coroa de Itália, Cavaleiro da Torre e Espada, Comendador da Ordem de Cristo, e da de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, de Carlos III, de Isabel, a Católica, de S. Gregório Magno, oficial da Ordem da Rosa do Brasil, e Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, distinções estas que provam bem quanto os altos poderes do Estado têm sabido compreender quanto vale este homem verdadeiramente prestável.

Nasceu em Cabeceiras de Basto, a 19 de Março de 1805, e é filho de Joaquim d'Almeida Bastos e D. Teresa Maria de Sousa Lobo.

Em 1823, tendo apenas 18 anos de idade, embarcou para o Brasil, em busca de fortuna, como tem sucedido a tantos nossos compatriotas ilustres, e ali seguiu a carreira comercial, fundando três anos depois uma sociedade com António Ferreira d'Amorim, natural do Porto, e José Maria do Amaral.

Esta sociedade de grande crédito e importância, durou até 1846 sob a firma Amorim & C.<sup>ª</sup>, época

em que se extinguiu, reconstruindo-se nova firma sob o título Amaral & Basto.

Em 1850, isto é, depois de 27 anos de trabalho, actividade, lutas e empreendimentos nas longínquas terras brasileiras, regressou à pátria, esse sonho dourado de todos os que vão tentar fortuna em país alheio, chegando a Lisboa a 16 de Julho do mesmo ano.

Em 23 de Agosto retirou-se para o Porto, que avaliando os seus altos merecimentos cívicos, morais e trabalhadores, o elegeu vereador, sendo eleito presidente para o primeiro biénio de 1852 a 1853, reeleito para o biénio de 1854 a 1855, não aceitando a reeleição para o biénio seguinte, depois de ter demonstrado à cidade invicta quanto valia o seu nobre carácter e a força do seu ânimo, em proveito daqueles que o tinham elevado, e que jamais podem esquecer quanto lhe devem.

Em Julho de 1859 voltou ao Rio de Janeiro a fim de liquidar os seus negócios, o que conseguiu com rara actividade, no curto espaço de dois meses, promovendo ali entre os seus amigos uma subscrição que atingiu a avultada soma de vinte contos de réis, destinada a constituir o fundo do Liceu da SS. Trindade, regressando de novo à pátria em 13 de Novembro de 1859.

Por decreto de 24 de Julho de 1840 foi feito cavaleiro da Ordem de Cristo em atenção à sua filantrópica protecção aos emigrados, sendo nomeado comendador da mesma ordem por decreto de 3 de Maio de 1847.

Por decreto de 12 de Fevereiro de 1851 recebeu o grau de cavaleiro da Torre e Espada, pois o governo quis assim distinguir-lhe a nobre acção de ter sido um dos 24 portugueses que se cotizaram para armarem, abastecerem e equiparem a nau Vasco da Gama, a fim deste navio poder regressar a Portugal.

Em 2 de Maio de 1852 o governo espanhol agraciou-o com a comenda de Isabel a Católica, e em 10 de Novembro do mesmo ano foi elevado a visconde da Trindade, tornando-se assim fidalgo de direito, quem por suas nobres acções já de há muito o era de facto.

Em 15 de Junho de 1853 foi feito fidalgo cavaleiro da Casa Real, a 17 de Janeiro de 1854 Grã Cruz de Isabel a Católica, a 3 de Outubro do mesmo ano comendador de Carlos III, sendo em 15 de Outubro de 1855 nomeado guarda-roupa honorário da Real Câmara.

A 19 de Outubro desse ano, o governo brasileiro agraciou-o com o oficialato da Ordem da Rosa.

A 29 de Julho de 1865 recebeu de Roma a comenda de S. Gregório Magno, que naquele país é muito considerada, e só se concede em condições especiais, e após um detido exame dos méritos do agraciado.

Em 13 de Janeiro do ano seguinte foi agraciado com a comenda da Conceição, sendo pouco depois nomeado grande oficial da Coroa de Itália.

Pelo que deixamos dito, os leitores podem avaliar ao primeiro golpe de vista, quanto o nosso biografado era conhecido e em que estima e alta consideração os governos tinham os seus merecimentos e aptidões.

Passemos agora a enumerar os longos e inolvidáveis serviços por ele prestados a diversas associações de educação e beneficência, assim como em prol do bem público.

Tendo em 1835 sido criados na cidade do Porto pelos três administradores dos respectivos bairros, três albergues para neles serem recebidas as pessoas necessitadas e famintas, o ilustre conde da Trindade sustentou à sua custa durante três meses a sopa económica nos referidos albergues.

Em 1855 o governo nomeou-o presidente da comissão de vereais, por ocasião da escassez e do elevado preço a que chegou este género, sendo nomeados conjuntamente para esta comissão, o finado António José Antunes Navarro, que depois foi feito conde de Lagoaça, e António Gomes dos Santos.

Na gerência deste cargo a comissão foi autorizada a mandar ir cereais na importância de cem contos, arriscando-se ele e o conde Lagoaça somente, ao prejuízo que desta importante soma pudesse resultar.

Por essa ocasião houve no Porto uma sublevação popular, na qual o ilustre conde arriscando a vida provou a sua coragem, pois na companhia do então governador civil interino, o finado conselheiro José Lourenço Pinto, percorreu toda a cidade, acudindo aos pontos onde era maior o ajuntamento e a exaltação dos ânimos, conseguindo com a sua palavra e respeitabilidade conter os amotinados nos seus desvarios, evitando assim desgraçadas consequências.

Em 1862, por intermédio do seu correspondente em Lisboa o finado chefe do partido progressista, conselheiro Anselmo José Braamcamp, entregou uma inscrição de 500\$00 reis nominais para os asilos da Ajuda e dos Cardais de Jesus.

No mesmo ano o governador civil do Porto, conselheiro Miguel do Canto e Castro recebeu dele 100\$00 reis para auxílio dos operários impossibilitados.

Em 1865 governando o Porto o Sr. visconde de S. Januário recebeu dele 100\$00 reis para custeio da casa de detenção das meretrizes, estabelecida naquela cidade.

A Ordem Terceira da SS. Trindade, que possuía apenas 1.400\$00 reis em inscrições, sem algum outro capital ou rendimento, na época em que o ilustre conde entrou para a sua administração, que serviu por mais de vinte anos, quando ele se retirou deixou-a possuidora do capital de setenta e tantos contos fortes.

Nesta mesma ordem deixou estabelecido um hospital, aulas de português, francês, inglês, desenho e escrituração comercial, nas quais cursaram 250 alunos.

No hospital instituiu três lugares reservados a três entevados que perpetuamente ali devem ser socorridos, em sufrágio das almas de S. S. M. M. as rainhas D. Maria II e D. Estefânia, e por el-rei D. Pedro V, para cujo encargo deu à ordem seis contos de reis em inscrições nominais.

Desde 1857 que exerceu o cargo de presidente da Associação das Meninas Desamparadas, de Campanhã. Quando tomou conta deste piedoso asilo existiam nele 24 crianças, em casa de acanhadas dimensões, mal disposta e insalubre pela sua deficiente disposição, sendo o capital existente de oito contos de réis.

Hoje aquele capital eleva-se a mais de cem contos, podendo-se assegurar sem receio de ser desmentido, que a terça parte desta soma a ele se deve; o número de recolhidos passa igualmente de cem, e a casa encontra-se totalmente transformada e adequada pelos mais modernos processos a preencher condignamente a sua missão.

Para os albergues nocturnos instituídos por S. M. El-rei D. Luís I, contribuiu com 500\$00 reis.

A mesa da Trindade, em sessão de 27 de Outubro de 1871, propôs e foi unanimemente aprovado, que se mandasse colocar na moldura do retrato 'este ilustre benfeitor uma lâmina de prata com o seguinte dístico:

*Unanimemente proclamado*

*irmão benemérito e prior perpétuo*

*desta celestial ordem*

*em sessão de mesa e junta de 27 de Outubro de 1871.*

Findámos com esta ultima distinção a biografia do ilustre conde da Trindade, e repetindo a frase com que abrimos este artigo diremos, *que poucas vezes a pena do biógrafo tem ocasião de se levantar tão alto e honrar tão nobremente, como esta em que vimos de apresentar ao público um dos mais ilustres, beneméritos e filantrópicos cidadãos do nosso país.*

Alfredo Gallis *in* Galeria Photographica-Biographica Luzo-Brazileira (Sexto ano, Número 66)

Lisboa, 1886.

Como complemento à biografia do nobre e ilustre Conde da Trindade, publicada no último número deste jornal, temos a acrescentar os seguintes importantes e valiosos dados, que não poderiam de forma alguma ficar no olvido.

Em 25 de Outubro de 1862, S. A. R. o Príncipe Humberto de Sabóia visitou-o em sua casa, por ocasião da sua vinda ao Porto e visitou a casa onde tinha residido Seu Augusto Avô o Rei Carlos Alberto.

Em 2 de Dezembro de 1863, recebeu a visita de Suas Majestades Fidelíssimas, El Rei o Senhor D. Luís I, e a Rainha D. Maria Pia Sua Augusta esposa.

Em 19 de Setembro de 1865 foi visitado pelo falecido e sempre chorado Rei D. Fernando II.

O conde da Trindade é casado com a Ex.ma Sra. D. Josefa Rosa d'Oliveira Amorim, filha de António Ferreira d'Amorim e de D. Balbina d'Oliveira.

Deste consórcio houve 5 filhos; dois já falecidos — Viscondessa de Moreira de Rei e António de Sousa Bastos; e três actualmente vivos que são, o Visconde da Trindade, Baronesa de Valada (D. Josefina) e Viscondessa de Lagoaça.

O conde da Trindade habita num sumptuoso palacete na Praça de Carlos Alberto, e numa das suas salas esplendorosas e que tem o nome do malogrado príncipe vêem-se em retábulos dourados, de magnífico trabalho artístico, colocados nas paredes, as datas memoráveis das visitas a sua casa das diferentes pessoas reais.

Com estes dados fica pois completa a biografia do ilustre conde da Trindade, que veio dar uma figura das mais brilhantes a este modesto jornal.

Alfredo Gallis *in* Galeria Photographica-Biographica Luzo-Brazileira (Sexto ano, Número 67)

Lisboa, 1886.

Digitalização e transcrição por Isabel Ferreira Alves

Fafe, Outubro de 2008.

Foi 1º Visconde e único Conde da Trindade José António de Sousa Basto, que nasceu no Porto a 19 de Novembro de 1805 e morreu em data que ignoramos, filho de Joaquim de Oliveira e Sousa, proprietário e de D. Teresa Maria de Sousa.

Fidalgo cavaleiro e guarda-roupa honorário da Casa Real, grande proprietário e capitalista no Porto, foi grã-cruz da Ordem de Isabel, a católica, de Espanha, grande oficial da da Coroa, de Itália, comendador das de Cristo, Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, Carlos III de Espanha, e de S. Gregório Magno, da Santa Sé, oficial da da Rosa, do Brasil e cavaleiro da da Torre e Espada.

Casou duas vezes: a primeira a 7 de Dezembro de 1834 com D. Escolástica Rosa de Amorim, que nasceu a 14 de Junho de 1820 e morreu a 29 de Junho de 1837, filha de António Ferreira de Amorim, cavaleiro da Ordem de Cristo, e de sua mulher, D. Balsina Rosa de Oliveira; segunda, a 26 de Novembro de 1838, com sua cunhada D. Josefa Rosa de Amorim, Dama da Ordem das Damas Nobres de Maria Luísa, de Espanha.

O título de Visconde foi-lhe concedido em 1852, por D. Maria II e elevado à Grandeza, como Conde em 1881 por D. Luís.

Foi 2º Visconde José António de Sousa Basto Júnior que nasceu a 5 de Julho de 1843 e cuja data da morte ignoramos, filho primogénito varão do segundo casamento do anterior. Casou no Rio de Janeiro com a actriz D. Mariana Rochedo.

O título foi-lhe renovado em 1886 por D. Luís.

(in *Nobreza de Portugal e do Brasil*, coordenado por Afonso Zuquete]